

Claudia Amorim

Por Maria Clara de Maio

Luz natural: partido indispensável nos projetos arquitetônico e luminotécnico



Foto: arquivo pessoal

NO ANO EM QUE A SUSTENTABILIDADE FOI A PALAVRA DE ORDEM, MOBILIZANDO EMPRESAS, PROFISSIONAIS E COMUNIDADE, a arquiteta Claudia Amorim teve uma agenda cheia. Levou para seminários que participou, como Multilux em Belo Horizonte – cujo tema foi “Uma luz para sustentabilidade”, e o FONAI (Fórum Nacional de Arquitetura e Iluminação), parte de seu vasto conhecimento sobre luz natural, partido indispensável no modelo arquitetônico em que prevalecem questões pró-ambientais.

Arquiteta, formada pela Universidade de Brasília, Claudia viveu entre a Itália e a Alemanha, de 1991 a 2003, onde cursou especializações na área de Restauro, Tecnologia da Arquitetura e Engenharia Ambiental (Politécnico di Torino). Fez mestrado em Arquitetura na Universidade de Brasília, na área de Concentração, Conforto Térmico e Simulação Computacional, e doutorado na Università La Sapienza di Roma, com tese na área de concentração em Luz Natural e Eficiência Energética desenvolvida no Politécnico di Milano - Itália.

Atualmente, Claudia é professora e pesquisadora da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília, onde ministra disciplinas na graduação e pós-graduação, orienta alunos de mestrado e doutorado e coordena o grupo de pesquisa “Qualidade Ambiental e Iluminação Natural no Espaço Construído” (veja www.unb.br/fau/qualilumi).

Atua em atividades de consultoria, projeto e pesquisas, e, desde maio de 2006, é coordenadora da área de Luz Natural da Divisão 3 do CIE Brasil (Comissão Internacional de Iluminação). Veja a seguir, a entrevista exclusiva concedida à Lume Arquitetura.

Lume Arquitetura: No Brasil, utiliza-se muito a expressão “iluminação natural”, ao invés de “luz do dia”. Parece que isso é decorrente de um problema ocorrido na tradução do título da obra *Daylighting*, de Hopkinson, Petherbridge e Longmore, quando da publicação da edição portuguesa, em 1975. Como luz natural, também temos a luz da lua, das estrelas, e da aurora boreal, dentre outras. Como essa nomenclatura ajuda ou prejudica o entendimento do tema, no Brasil?

Claudia Amorim: Sim, podemos dizer que considerando estritamente o significado do termo, “luz natural” é, e muito, mais abrangente do que “luz do dia”. O termo está tão consolidado que quase não se encontram publicações que utilizem o termo luz do dia relacionado à Arquitetura. Numa busca na Internet, o que aparece são publicações ligadas à luz artificial ou à fotografia. Mas não acredito que isto prejudique o entendimento do tema, pelo contrário, pode trazer uma abrangência maior de

estudos e possibilidades. A própria CIE (Comissão Internacional de Iluminação) adota o termo “Diretor Associado para Iluminação Natural”, em contraponto ao termo Iluminação Artificial. O termo “luz natural” está bastante consolidado no meio acadêmico e fora dele, e não há, a meu ver, grandes problemas com relação a isto.

Lume Arquitetura: *Você coordenou, no programa de pesquisa e pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, o periódico Paranoá - Iluminação Natural. Como foi este trabalho?*

Claudia Amorim: Este trabalho foi um desafio muito interessante que decidimos realizar, como forma de consolidar os trabalhos do grupo de pesquisa, e, ao mesmo tempo, agregar numa única publicação, várias informações e pontos de vista sobre o mesmo tema.

Desde que voltei definitivamente ao Brasil, em 2004, e pude fazer um trabalho mais constante com um grupo de pesquisa, orientando alunos na iniciação científica, mestrado e, mais recentemente, doutorado, além do meu próprio trabalho individual, sentia falta de ver estes esforços agregados e disseminados. Não adianta fazer um trabalho e vê-lo confinado às nossas bibliotecas e sites acadêmicos. O esforço de organizar, sistematizar e divulgar o trabalho também para o meio dos profissionais é importantíssimo.

A revista Paranoá é uma publicação já existente em nosso programa de pós-graduação, e a número 3 é uma edição temática, em torno da luz natural, que preenche uma certa lacuna neste campo de publicações. Meu objetivo era dar uma idéia, aos leitores, de tudo que envolve as questões da luz natural relacionadas à Arquitetura e Engenharia. Temos trabalhado, no âmbito do grupo de pesquisa, estas várias relações: projeto com a luz natural e possibilidades

de uso da mesma como elemento de composição da arquitetura; controle da insolação e os outros aspectos relacionados à luz do Sol como fonte de iluminação; componentes de uso convencional na Arquitetura (brises, etc.) e componentes inovadores para o uso e controle da luz natural (laser cut panel, painéis prismáticos, etc.); instrumentos para o uso da luz natural em projeto; ferramentas para análise e projeto com uso da luz natural – onde entra a formação do arquiteto, a criação

No Brasil há um problema sério de divulgação das pesquisas e incorporação destas na prática projetual. O meio acadêmico está cheio de pesquisas interessantíssimas que ficam relegadas às bibliotecas, nunca chegam a conhecimento público, e não são utilizadas nem pelos órgãos públicos.

de repertório e aprimoramento de seu senso crítico; luz natural como estratégia de reabilitação de edificações. Cada um destes temas gerou um ou mais artigos, elaborados por integrantes do grupo de pesquisa e outros pesquisadores de renome.

Creio que o grande trunfo da publicação foi juntar este material e ordená-lo de forma progressiva, fazendo com que a leitura do primeiro artigo “puxe” a do segundo e assim por diante. Obviamente o tema não se exaure na revista, e temos ainda muito pela frente

para explorar no contexto da luz natural em Arquitetura.

Lume Arquitetura: *A pesquisa nas universidades é muito importante, principalmente a pesquisa científica, cujos resultados são de domínio público, pois exercita e incentiva o futuro profissional. Mas é insuficiente para a materialização de soluções tecnológicas, cuja pesquisa ocorre, principalmente, nos países desenvolvidos, no âmbito das empresas. No Brasil, onde a pesquisa nas empresas é muito incipiente, como o profissional de Arquitetura adquire capacitação necessária para trabalhar, de forma eficaz, com a luz do dia?*

Claudia Amorim: Sem dúvida, este é um problema sério. Na Europa, as universidades e institutos de pesquisa estão ligados à indústria e também aos profissionais que estão no mercado.

Muitas vezes a exigência de um profissional para um projeto específico gera um novo produto no mercado. Este é um caso muito comum nos projetos de Thomas Herzog, arquiteto alemão que trabalha em parceria com o Bartenbach Lichtlabor e Renzo Piano, que tem parcerias com várias universidades italianas, além de ter um escritório onde realiza protótipos detalhadíssimos.

Estes agentes (arquiteto, indústria, universidades/laboratórios) estão interligados e conseguem responder rapidamente a esta nova demanda. O arquiteto pensa em um componente, passa esta idéia para a indústria, a indústria passa o desenvolvimento do protótipo e testes a um laboratório ou instituição de pesquisa, e o produto chega ao mercado e ao projeto, podendo ser apropriado por outros arquitetos e usuários.

No Brasil, além destes agentes não estarem interligados, há também um problema sério de divulgação das pesquisas e incorporação destas na prática projetual. O meio acadêmico

está cheio de pesquisas interessantíssimas que ficam relegadas às bibliotecas, nunca chegam a conhecimento público, e não são utilizadas nem pelos órgãos públicos. Para citar um exemplo, temos a elaboração dos códigos de obras e leis de uso e ocupação do solo. Nossos códigos em várias cidades brasileiras são “cópias” dos códigos de obras de outras cidades, desconsiderando totalmente o clima local, as condições de disponibilidade de luz natural, insolação etc. Várias pesquisas, feitas em cidades diversas, identificaram a inadequação desta abordagem uniforme e que desconsidera estas questões, mas o que acontece? Nada.

A falta de vontade e continuidade política faz com que as pesquisas fiquem guardadas e a prática seja feita seguindo leis e códigos inadequados. O profissional de Arquitetura, hoje, tem de se atualizar constantemente, ficar mais próximo do meio acadêmico através de cursos de especialização, mestrado etc, o que tem se tornado cada vez mais viável, inclusive graças ao ensino à distância. Infelizmente isto, atualmente, é quase exclusivamente uma iniciativa própria, mas pode ser favorecida pelas instituições, na medida em que se criam cada vez mais cursos específicos que trazem as inovações para os profissionais.

É certo também que, com as novas e cada vez maiores exigências de eficiência energética, os profissionais terão de se reciclar, pois as normas tendem a ser mais rígidas, e os “selos verdes” ou etiquetas de eficiência energética serão os itens de valorização de um edifício comparado com outro. O profissional deverá estar preparado para responder a estas demandas, e o bom uso da luz natural significará uma vantagem a mais no projeto, pois é importante do ponto de vista da qualidade ambiental para o usuário e da eficiência energética do projeto como um todo.

Lume Arquitetura: Normalmente as publicações sobre luz natural trazem uma abordagem recorrente, muitas vezes genérica e superficial, focada no *know why*, sem o necessário aprofundamento a respeito do *como fazer*. Como o estudante e até mesmo o profissional brasileiro, já que estamos fisicamente tão longe dos principais centros mundiais de desenvolvimento de conhecimento tecnológico, pode adquirir os conhecimentos necessários do *how to make de aproveitamento da luz do dia*?

Com as novas e cada vez maiores exigências de eficiência energética, os profissionais terão de se reciclar, pois as normas tendem a ser mais rígidas, e os “selos verdes” ou etiquetas de eficiência energética serão os itens de valorização de um edifício comparado com outro.

Claudia Amorim: Na verdade, é preciso ter um equilíbrio entre os dois tipos de informação; é muito perigoso pretender passar “receitas” num contexto tão amplo como é o da luz natural em projeto, pois está intrinsecamente ligado ao clima, o que já aumenta a complexidade da coisa. Se considerarmos ainda as questões estéticas, econômicas e tecnológicas, esta complexidade se torna ainda maior.

O que significa: é muito mais adequado ensinar o porquê, incrementar o senso crítico dos projetistas e seu repertório projetual, do que ensinar “como fazer” literalmente. Porque para

cada situação específica haverá uma resposta diferente, e para uma mesma situação poderá haver muitas respostas adequadas. Às vezes, os alunos me perguntam, depois de um exercício de projeto, qual era a resposta certa: esta para mim é uma pergunta “irrespondível”! Podemos ver muitas alternativas, várias adequadas dentro de uma mesma demanda.

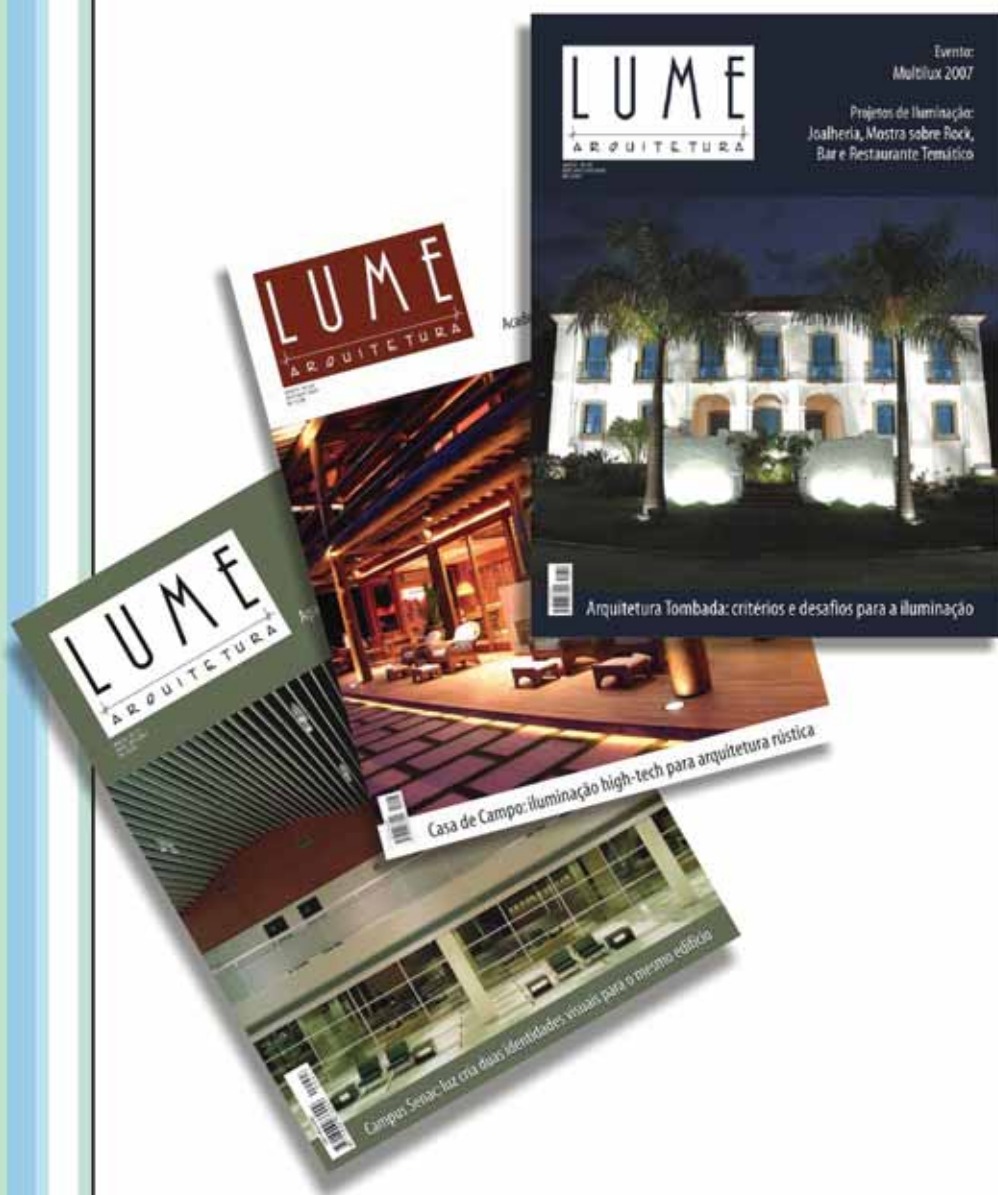
É claro que um mínimo de *how to make* é necessário, mas com muito cuidado, contextualizando e testando sempre o senso crítico. No contexto atual, onde tudo virou sustentável – e a luz natural é uma grande contribuição para a sustentabilidade –, muitas vezes o que se vê, principalmente no campo imobiliário, são tentativas de imitar receitas, lidas ou apreendidas não se sabe onde, e colocadas de forma totalmente inadequada para dar impressão de que aquele empreendimento é sustentável, energeticamente eficiente etc. Temos visto verdadeiras aberrações quanto a isto, e é preciso que os arquitetos e projetistas de maneira geral saibam identificar estas falácias!

Por isso é importante ter informações dosadas e corretas sobre o *how to make* específico para aquele local, e desenvolver cada vez mais estas informações, mas sabendo também o porquê de tudo aquilo. E isto, sem dúvida, cabe aos responsáveis pela formação dos novos arquitetos e reciclagem dos já formados. Mais uma vez entra o papel da educação, formação e reciclagem dos profissionais, que também deve ser favorecida pelas entidades de classe, ao promoverem e facilitarem o acesso a cursos de atualização e aperfeiçoamento.

Lume Arquitetura: Decorrente da problemática da questão anterior é comum, por exemplo, encontrarmos no nosso País, shopping centers com enormes clarabóias que, mesmo com ▶

Assine

**Lume Arquitetura.
Para ficar entre os melhores,
só tendo acesso à melhor informação.**



A qualidade da informação de Lume Arquitetura é o que a destaca como a melhor revista brasileira para profissionais de iluminação. Textos agradáveis, de fácil compreensão, ilustrados com belas fotos e imagens, abordam assuntos técnicos e estéticos, elementos fundamentais para o bom resultado de um projeto luminotécnico. Assine Lume Arquitetura. Você vai ficar sempre muito bem informado.

Central Lume de Assinaturas

(11) 3801 3497

assinaturas@lumearquitectura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitectura.com.br

L U M E
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação

*o sol a pino e uma quantidade estu-
penda de luz e calor entrando por elas,
não podem prescindir da iluminação
artificial acesa nos malls. Mesmo em
edifícios recentemente inaugurados.
Onde está o elo partido (ou perdido) da
cadeia de conhecimento, que impede
o aproveitamento da abundante luz do
dia, disponível em nosso país, de forma
eficiente e eficaz?*

Claudia Amorim: Isto é um caso clássico. No meu doutorado, analisei exatamente esta tipologia – shopping centers – do ponto de vista da iluminação natural e consumo energético, e pude constatar várias coisas: primeiro, o quão similares são, independentemente do contexto climático local.

A arquitetura de shoppings é um caso clássico de international style. Em segundo lugar, o grande equívoco quanto ao uso da luz natural (o ponto positivo, no caso, foi constatar que a volta ao uso da luz natural, uma tendência já há alguns anos nesta tipologia). Neste caso, entram as imitações dos modelos de países de clima frio e temperado, com enormes superfícies envidraçadas. Temos shoppings idênticos aos do Canadá e achamos tudo lindo!

A verdade é que soluções de aberturas zenitais, típicas da arquitetura “introspectiva” dos shoppings, devem ser cuidadosamente dimensionadas e detalhadas para que possam equilibrar o ingresso de luz e calor. De outra forma, teremos verdadeiras estufas, nas quais o ar condicionado deverá trabalhar várias vezes mais para manter o clima dentro dos padrões de conforto. E é claro que quando deixamos o Sol entrar à vontade, próximo às áreas de vitrines e exposição, as lojas tendem a aumentar ainda mais a iluminação artificial para “competir” com esta mancha de radiação solar intensa. Haja energia para tudo isto! Infelizmente, estes são casos que continuam a se repetir em

todas as cidades brasileiras, sem nenhum critério.

Creio que este elo está perdido não só nesta tipologia como em tantas outras, haja vista os edifícios de escritórios completamente envidraçados que também fazem tendência na Arquitetura contemporânea. Acredito que perdemos uma certa capacidade de análise de contextualização das soluções que desejamos propor, ao imitar algo visto em outro lugar, e também a capacidade técnica de projetar utilizando instrumentos simples como carta solar, transferidores, dados climáticos locais, e outros.

*Soluções de aberturas
zenitais, típicas da arquitetura
“introspectiva” dos shoppings,
devem ser cuidadosamente
dimensionadas e detalhadas para
que possam equilibrar o ingresso
de luz e calor. De outra forma,
teremos verdadeiras estufas.*

Tudo isto é ensinado no curso de graduação, em disciplinas específicas da cadeia de Conforto, mas quase nunca cobrado nas disciplinas de Projeto. E aí se perde ou se parte o elo, realmente, porque o ensino fica confinado às disciplinas específicas e não é aplicado na prática projetual desde a formação do arquiteto, o que dirá na sua prática profissional. Vários colegas da área de Conforto Ambiental se queixam desta situação, que é algo bastante comum em todas as faculdades de Arquitetura, gerando esta desintegração entre conhecimento e projeto.

Lume Arquitetura: *Durante muitas décadas, os fabricantes de produtos de iluminação praticamente esqueceram a existência da luz do dia em suas recomendações de uso de produtos e publicações. Recentemente, verificamos uma forte mudança nessa tendência. A participação ativa de um fabricante alemão nas soluções de iluminação artificial integrada com a luz do dia, no Reichstag [Parlamento Alemão], é um exemplo que não pode deixar de ser citado. No seu entender, como isto pode influenciar no futuro emprego da luz do dia? E como os brasileiros podem se inserir nesse fluxo de conhecimento tecnológico voltado para a efetiva aplicação?*

Claudia Amorim: Na Alemanha temos um exemplo clássico de aplicação do contexto de integração, que deve ser seguido. Há empresas alemãs voltadas originalmente ao mercado de produtos de iluminação que fabricam também materiais e componentes arquitetônicos altamente tecnológicos para aproveitamento da luz do dia; e as próprias publicações da área acompanham esta tendência: ao assinar uma revista especializada em iluminação de forma geral, você recebe gratuitamente uma publicação específica sobre luz do dia.

Isto é muito interessante, uma vez que mostra a visão integrada que os próprios produtores têm, assim como os responsáveis pela literatura especializada. Assim como no exemplo citado do Reichstag, em Berlim (projeto do arquiteto Norman Foster), muitos outros edifícios na Alemanha têm exemplos de projeto integrando luz natural, artificial e controles/automação.

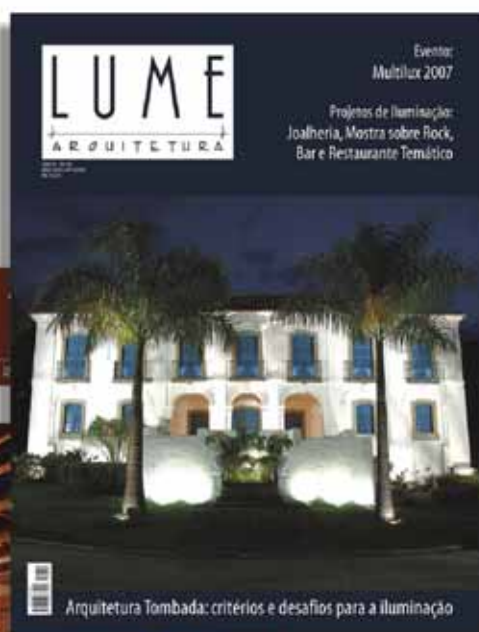
É fato que somente desta maneira se alcança o máximo de eficiência energética - e é irônico pensarmos que no contexto europeu, a economia de energia que pode alcançar com a luz natural é mínima, porque eles já têm um nível de eficiência da iluminação artificial ►

Anuncie

Lume Arquitetura.

Os melhores clientes são os que têm acesso à melhor informação.

Um profissional bem informado reconhece o que é tradição, sem ter medo do novo. Conhecimento é poder. Por isso, Lume Arquitetura é lida pelos melhores profissionais do mercado. São arquitetos, lighting designers, engenheiros, pessoas interessadas em conhecer o produto ou serviço que você tem a oferecer. Anuncie em Lume Arquitetura e ganhe visibilidade na melhor revista do segmento de iluminação.



Casa de Campo: iluminação high-tech para arquitetura rústica



Campes. Seratchuz cria duas identidades visuais para o mesmo edifício

Publicidade Lume Arquitetura

(11) 3801 3497

publicidade@lumearquitectura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitectura.com.br

L U M E
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação

(lâmpadas, luminárias e reatores) enorme! Ainda assim, a Europa continua investindo maciçamente em pesquisas e produtos para integração da luz natural e controles, porque a grande preocupação deles, e o grande mote para uso da luz natural não é somente a economia, é uma questão de saúde do usuário!

Eles já concluíram que o bom uso da luz natural, a garantia da vista externa etc. geram ambientes mais saudáveis e, por consequência, usuários mais produtivos, menos absentismo e custos menores para o sistema de saúde pública. Acho que esta deve ser nossa motivação também.

Na verdade, acho que os produtores brasileiros têm de se conscientizar disso e procurar investir também no segmento da luz natural, produzindo inovações inteligentes, com base no que tem sido feito lá fora. O Brasil tem que fazer um esforço para trabalhar de maneira conjunta, e a longo prazo. Neste sentido, o Estado tem o papel de disseminar informações, facilitar e estimular convênios, oferecer incentivos fiscais para produtos e projetos com este tipo de preocupação. Mas é um caminho que deverá ser percorrido a longo prazo, e que passa também pela conscientização do usuário final, dos projetistas etc.

Lume Arquitetura: *Uma vez que o aproveitamento da luz do dia depende fortemente das soluções arquitetônicas, como pode o lighting designer participar desse processo, já que, geralmente, é contratado depois do partido arquitetônico estar resolvido?*

Claudia Amorim: Esta questão vem sendo trabalhada por nós já há algum tempo. Temos uma pesquisa de mestrado desenvolvendo exatamente este tema. É interessante verificar que as possibilidades de atuação do lighting designer podem e devem se estender

além da prática convencional. Vamos supor a situação mais extrema, que é entrar num projeto já realizado e sem nenhuma possibilidade de intervenção em sua arquitetura: mesmo assim, o lighting designer pode tentar entender como é o comportamento da luz natural no ambiente, e projetar da melhor forma a integração artificial/natural nos ambientes de uso diurno.

Para isto, ele deve fazer visitas observatórias ao local durante o dia, realizar medições de luz natural durante

Para definir a Arquitetura sustentável, não creio em fórmulas. Não há uma resposta única. O edifício sustentável deve seguir critérios e contemplar aspectos diferentes, dependendo do contexto sócio-econômico, climático e ambiental em que está inserido.

um certo período de tempo (no caso de locais já construídos) ou, se isto não for possível, por limitações de tempo, ou em projetos ainda não construídos, calcular ou simular com uso de software o comportamento da luz natural em vários períodos do ano. Vários softwares que estão no mercado podem simular tanto a luz natural quanto a artificial, por isso, pode-se usar o mesmo software para esta análise e para o projeto luminotécnico.

Vale a pena investir no aprendizado e na aquisição de um software potente, pois isto significa, sem dúvida, um

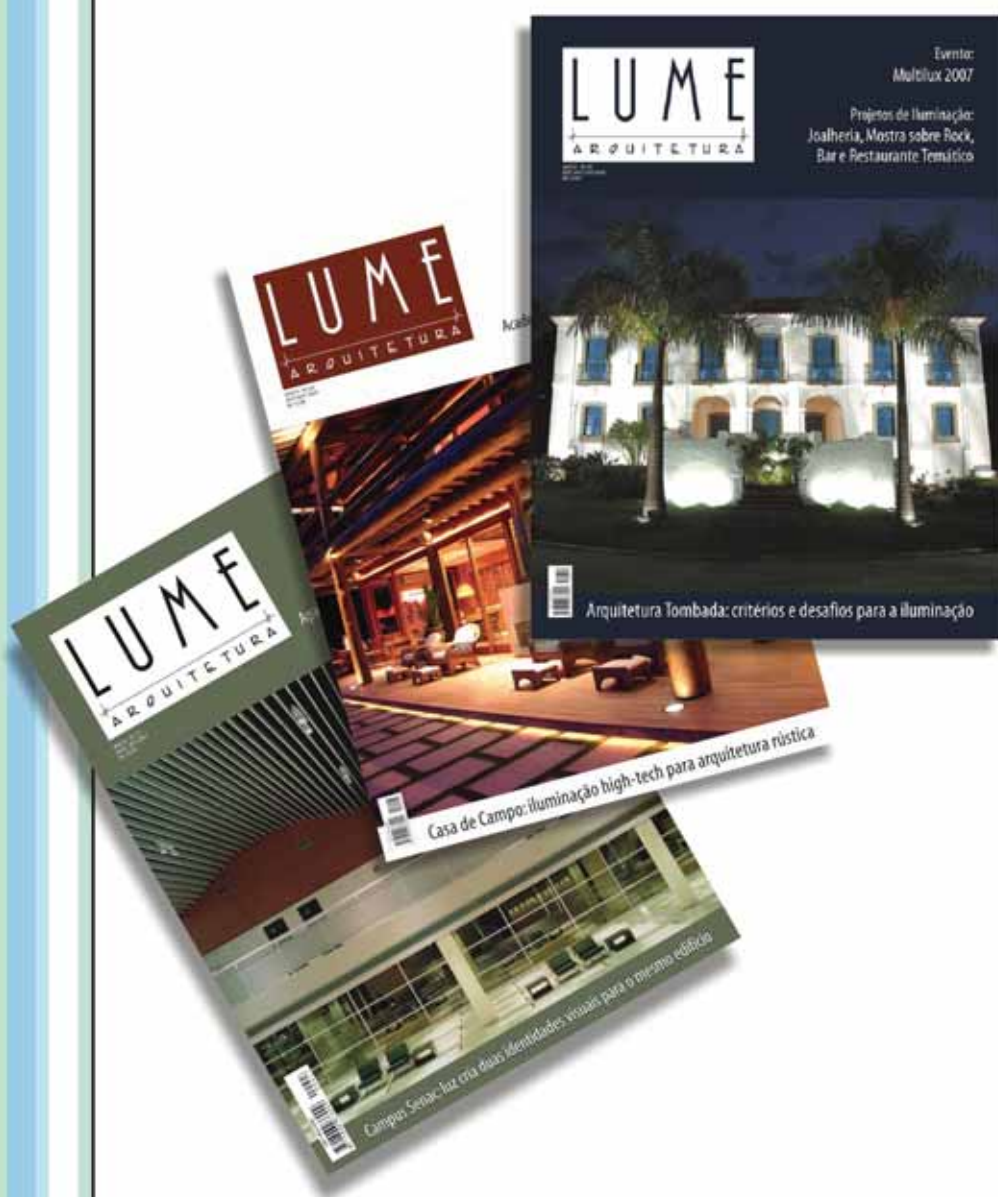
diferencial importante na profissão e na qualidade do trabalho. Uma vez feito este levantamento e análise inicial, pode-se identificar as várias zonas do ambiente (divididas de acordo com o comportamento da luz natural) e, em função delas, projetar os circuitos e a intensidade da iluminação artificial, que deverá complementar ou substituir a natural, dependendo da situação e da zona. O projetista também deverá estar atento a algumas questões, como a temperatura de cor das lâmpadas, para não criar um contraste desagradável com a luz natural, se esta for predominante durante o dia. Ele pode também, durante este estudo, identificar problemas como ofuscamento, má distribuição da luz natural e - por que não?- sugerir alguma estratégia corretiva para isto.

Por fim, é importante lembrar que os controles e a automação da luz artificial, se fizerem parte do projeto, também devem ser definidos e explorados em função do comportamento e da intensidade da luz natural. Somente desta forma haverá eficiência energética no sentido pleno da palavra. É claro que este processo é mais trabalhoso, mas na medida em que o profissional se capacita para isto, com instrumentação adequada e prática, desenvolve o seu método de trabalho, e tudo vai se tornando natural, a ponto de não se conseguir mais trabalhar de outra forma.

Fazendo um paralelo com esta situação, ouvi recentemente o arquiteto Ken Yeang, um grande projetista de arranha-céus bioclimáticos, dizer em uma palestra que se sente extremamente desconfortável, ao realizar um projeto arquitetônico, se não dispuser de todos os dados climáticos locais detalhados, pois já não concebe o processo de projeto sem esta informação. O momento atual exige que entremos em um nível de exigência bastante alto, conosco e ►

Assine

**Lume Arquitetura.
Para ficar entre os melhores,
só tendo acesso à melhor informação.**



A qualidade da informação de Lume Arquitetura é o que a destaca como a melhor revista brasileira para profissionais de iluminação. Textos agradáveis, de fácil compreensão, ilustrados com belas fotos e imagens, abordam assuntos técnicos e estéticos, elementos fundamentais para o bom resultado de um projeto luminotécnico. Assine Lume Arquitetura. Você vai ficar sempre muito bem informado.

Central Lume de Assinaturas

(11) 3801 3497

assinaturas@lumearquitectura.com.br

ou no nosso site: www.lumearquitectura.com.br

L U M E
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação

com nossa prática projetual, para que realmente possamos produzir ambientes mais saudáveis, de maior qualidade e sustentabilidade.

Lume Arquitetura: *Qual a sua definição de Arquitetura sustentável? Você acha que o conceito de sustentabilidade é bem compreendido ou há uma apropriação indevida servindo a outros interesses?*

Claudia Amorim: Para definir a Arquitetura sustentável, não creio em fórmulas. Não há uma resposta única. O edifício sustentável deve seguir critérios e contemplar aspectos diferentes, dependendo do contexto sócio-econômico, climático e ambiental em que está inserido. É isto que vai ditar as prioridades a serem cumpridas. Uma boa definição de sustentabilidade passa pela questão de viabilidade também: o que não é viável para um certo contexto não é sustentável, por mais que seja importante.

Devemos trabalhar com o conceito de “compromisso” de projeto, isto é, a solução que medeia melhor todas as prioridades em nível de sustentabilidade ambiental, econômica e social. Atender a todas é utopia, na minha opinião, e o projeto sustentável deve fazer o melhor, dentro das restrições existentes, para atender às mais importantes.

Mas, de maneira geral, uma Arquitetura sustentável é aquela que reflete em seu projeto preocupações com a inserção no contexto climático local, fazendo com que haja menor gasto de energia para climatização e iluminação, mantendo o bom nível de conforto ambiental; demonstra ter trabalhado com o uso racional de recursos naturais, como água, materiais e solo; tem um projeto pensado para que o edifício tenha um bom desempenho com relação à flexibilidade de usos, manutenção e

durabilidade. Podemos citar também os aspectos de inserção social, geração de empregos, segurança de canteiro etc. Na verdade, em cada tipologia e cada contexto as prioridades serão definidas pelo que é mais importante e também pelo que é mais viável ambiental, social e economicamente.

Esta primeira parte da pergunta responde em parte à segunda: este conceito de sustentabilidade é, sim, em alguns casos, mal compreendido e apropriado indevidamente. Repetem-se fórmulas e chavões ouvidos e lidos em contextos diferentes dos nossos, e apregoados como se fossem verdades

A importância do CIE-Brasil

*é enorme, no sentido de
que é um órgão que tem
a missão de conduzir
pesquisas e produzir
conhecimento, preenchendo
as lacunas existentes e
auxiliando também no
embasamento das normas.*

importantes para a sustentabilidade. Todos os setores de mercado querem ser sustentáveis; na área imobiliária já está se tornando uma tendência para a valorização de empreendimentos, como já disse. E aí assistimos ao desfile de incoerências e desinformação, mensagens falsas e promessas vazias. O consumidor final não sabe distinguir o que é verdadeiro ou apropriado, e acaba

comprando pelas promessas. Para citar um exemplo, tenho visto vários empreendimentos residenciais apregoando eficiência energética, mostrando um desenho com fachadas completamente envidraçadas... Talvez seja um vidro miraculoso que acabaram de inventar, mas se não for assim, aí está uma bela falácia! Onde está a eficiência energética desta Arquitetura, que vai precisar de ar condicionado, por mais ameno que seja o clima local, e que vai ter um excesso de luz natural que obrigará os usuários a fechar cortinas e persianas e acender as luzes artificiais?! É preciso que os arquitetos sejam capacitados para projetar de forma mais sustentável, e que os consumidores também tenham um mínimo de informação.

Mas isto é um processo, e estamos no início. Com o tempo e trabalho conjunto, creio que chegaremos a um nível melhor. O que vem acontecendo nestes dois últimos anos em função do boom da sustentabilidade é muito positivo, mas claro que acontecem erros neste percurso, que, no futuro (espera-se) devem ser corrigidos pelos agentes envolvidos.

Lume Arquitetura: *Qual a sua atuação na Divisão 3 da CIE – Brasil? Quais são suas atribuições?*

Claudia Amorim: A CIE Internacional é um órgão que se dedica ao intercâmbio de informações sobre todos os assuntos pertinentes à ciência e a arte da iluminação e da luz, incluindo os aspectos relacionados à cor, visão e tecnologia de imagens. É aceita como a autoridade máxima na área da iluminação, sendo atualmente reconhecida pela ISO - International Organization for Standardization e pela IEC - International Electrotechnical Commission, como uma organização internacional de caráter normativo.

A Divisão 3 da CIE Brasil trata de "Ambientes Internos e Projetos Luminotécnicos", e é dedicada ao estudo e avaliação dos fatores visuais que influenciam a satisfação dos ocupantes de um espaço com o meio, fornecendo orientações sobre critérios de projeto relevantes para a iluminação natural e artificial, inclusive considerando a interação com os aspectos térmicos e acústicos do ambiente.

Dentro da Divisão 3, coordenada pelo Plínio Godoy, sou a responsável pela área de Luz Natural, desde maio de 2006. Minha atuação tem sido, num primeiro momento, a de organizar esta área dentro da Divisão, identificar participantes, consolidar trabalhos etc. Temos um grupo esparsa pelo Brasil, com pesquisadores de renome internacional, que trabalham relativamente isolados e que estamos tentando agrupar em um esforço conjunto de trabalho.

Neste primeiro ano, identificamos as pessoas e os interesses de cada uma, assim como as publicações do CIE Internacional já existentes que pudessem nos interessar, no âmbito da pesquisa nacional. Mas, a partir de agora, com o grupo pouco a pouco se estruturando, passaremos a uma segunda fase, que é a de consolidar grupos de trabalho em várias instituições, em temáticas específicas, num todo coeso, e direcionar as pesquisas para as áreas de maior necessidade, sempre considerando o contexto brasileiro.

O CIE-Internacional trabalha com Comitês Técnicos (TCs), que se estruturam em torno de temas de interesse, e nós seguiremos esta estrutura. Só que, além de participar de Comitês já existentes, temos a intenção de propor nossos próprios comitês, para responder às nossas necessidades. Também pretendemos ter um maior contato com pesquisadores e instituições in-

ternacionais, de forma a apoiar nossas pesquisas.

Lume Arquitetura: Qual a importância da CIE-Brasil como organismo dedicado à iluminação?

Claudia Amorim: A importância do CIE-Brasil é enorme, no sentido de que é um órgão que tem a missão de conduzir pesquisas e produzir conhecimento, preenchendo as lacunas existentes e auxiliando também no embasamento das normas. Hoje ainda temos poucas normas na área de luz natural (existe a NBR 15215, que representou um grande passo adiante). O uso da luz natural não está ligado somente à questão energética, como se pensa normalmente, mas também à qualidade ambiental e saúde dos usuários - talvez este seja o aspecto mais importante, ainda mais que a eficiência energética.

Além disso, a Divisão 3 do CIE Brasil também realizou este ano um esforço muito grande no sentido de aproximar arquitetos, lighting designers e pesquisadores através do FONAI – Fórum Nacional de Arquitetura e Iluminação – em torno do tema sustentabilidade. Tivemos encontros do FONAI em sete cidades do Brasil, o que foi muito interessante para debater questões relativas à integração de iluminação natural e artificial no projeto de Arquitetura, visando a sustentabilidade.

No próximo ano, estamos pretendendo ter um FONAI ampliado, com participação de colegas do Mercosul. Enfim, são muitas ações que, penso, a longo prazo, terão resultados palpáveis na nossa realidade de projetos arquitetônico e luminotécnico. ◀

Anuncie

Lume Arquitetura. Os clientes são os que têm acesso à melhor informação.

Um profissional bem informado reconhece o que é tradição, sem ter medo do novo. Conhecimento é poder. Por isso, Lume Arquitetura é lida pelos melhores profissionais do mercado. São arquitetos, lighting designers, engenheiros, pessoas interessadas em conhecer o produto ou serviço que você tem a oferecer. Anuncie em Lume Arquitetura e ganhe visibilidade na melhor revista do segmento de iluminação.



Publicidade Lume Arquitetura
(11) 3801 3497

assinaturas@lumearquitetura.com.br
ou no nosso site: www.lumearquitetura.com.br

LUMÉ
ARQUITETURA

A melhor informação sobre iluminação